

MORTE À MODA DE QUINCAS BERRO D'ÁGUA

Miguel Miguel
Haroldo Maranhão
Belém: Edições CEJUP

Doutora. Ivete Lara Camargo Walty
22/11/96 – PUC/MG e UFMG.

Quando se vive uma situação absurda, busca-se uma explicação: sonho? Milagre? Loucura?

Ler a novela *Miguel Miguel*, de Haroldo Maranhão, autor paraense contemporâneo, é vivenciar uma dessas situações sem poder explicá-la. A isso em literatura se denomina fantástico. Vive-se um momento de suspensão de sentido: - isso de fato aconteceu? O insólito integra o cotidiano de macarronadas no domingo ou cafezinhos no bar da esquina durante o expediente, instalando a perplexidade no meio das personagens e dos leitores.

Desde o título, o texto instiga o leitor na medida em que, reduplicando o nome próprio, pluraliza os sentidos e instala a ambigüidade, marca desse tipo de narrativa.

Miguel dos Arcanos Falbo Quillet visitava-me na companhia de Dona Miguela e dos dois gêmeos, quando trabalhamos no escritório do único supermercado do Andaraí, o SP de São José do Pericumã. Da janela eu anunciava à minha mulher: "Lá vêm os miguéis!" Invariavelmente ela perguntava: "Os miguelos?" E eu já falando baixo para eles não escutarem: "As miguelas, pinguela!" (p. 13).

O Jogo lúdico com o significante Miguel reitera a pluralização prenunciada no título e, ao mesmo tempo, abre espaço para os acontecimentos intrigantes e inexplicáveis. Sem contar que Miguel é nome de anjo e, etimologicamente, significa "o que é como Deus". Que haverá de estranho com o Miguel, miguéis?

Os Miguéis podem ser a família Miguel: o marido Miguel, a esposa Miguela e os filhos que, não por acaso, são gêmeos. Tudo se duplica e se multiplica na vida e na morte. Como num jogo de espelhos, repetem-se tempos e espaços. Assim, embora a narrativa apoie-se numa lógica rigorosa onde 2 e 2 são 4 e 61 anos + 15 anos são 76 anos, ou por isso mesmo, instaura-se a ilogicidade, fruto da ausência de fronteiras entre a realidade e fantasia.

O duplo detectado no nome das personagens, na semelhança dos gêmeos, na multiplicação dos pés ou na repetição da cena da morte metaforiza o jogo morte/vida, ficção/realidade, não senso/senso comum.

Fui devagar me encaminhando para os três pares de sapatos, dois de homem, um, o feminino, cor de café. Os outros eram pretos e de igual formato, e as calças de gabardine cinza, iguais também p-29.

(...) A Miguela. A Miguela que perguntou pela Úrsula não é a mesma Miguela de antigamente. São duas Miguelas ou três Miguelas. Os gêmeos não sei. p. 37.

É a imagem de jogo que marca a narrativa ou marca da vida. O narrador que significativamente se chama Varão, julga-se, masculinamente, forte para aceitar o desafio.

(...) Sobressaltar-me não me sobressalto. Vou deslocando sem pressa os peões e os bispos e a torre no velho tabuleiro. O jogo não me intimida, me excita. P. 37

Na verdade, mais do que isso, a narrativa é esse jogo de xadrez que excita o leitor, outra imagem nas imagens espelhadas: Miguel Miguel, convidando-o também ao desafio.